

entrevista ►► **ORESTES QUÉRCIA DE OLHO NA PREFEITURA**

“Aliança com PT só se o PMDB indicar o vice”

Presidente do PMDB paulista, Orestes Quércia afirma que lançará candidato próprio na eleição de outubro, possivelmente o deputado federal Michel Temer. “Será difícil a composição com o PT”, diz

JOÃO CARLOS MOREIRA

NILTON FUKUDA/DIÁRIO - 17/1/2002

O ex-governador Orestes Quércia sofreu oposição acirrada do PT quando esteve à frente do Palácio dos Bandeirantes, entre 1987 e 1991. Hoje, os peemedebistas integram o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, têm dois nomes no Ministério e Quércia é publicamente assediado pelos antigos adversários para compor uma aliança pela reeleição da prefeita Marta Suplicy.

Como presidente estadual do PMDB, Quércia admite apoiar a prefeita, mas considera o acordo cada vez menos possível devido à dificuldade de negociar com o PT. Ele afirma que a aliança só acontecerá se o PMDB indicar o vice na chapa de Marta, e reclama: “Os petistas querem tudo para eles e não querem dar nada em troca”. E cita os recém-nomeados ministros do PMDB Amir Lando (Previdência) e Eunício de Oliveira (Comunicações). Para ele, os ministros têm apenas os próprios cargos sem exercer qualquer controle sobre a estrutura das pastas.

— **DIÁRIO** — O apoio do PMDB para a candidatura de Marta Suplicy à reeleição está mesmo fechado?

— **ORESTES QUÉRCIA** — Não. Nós vamos lançar um candidato nosso a prefeito. A alternativa a uma candidatura do PMDB seria uma participação como vice na chapa majoritária. Mas me parece, pelas informações que tive e até pelo jeito como a prefeita conversou comigo, que vai ser difícil essa composição. Então, a tendência no partido é lançar um candidato, possivelmente o Michel Temer. Se nosso candidato não for para o segundo turno, estamos dispostos a negociar o apoio à Marta, em razão do apoio que o PMDB está dando ao PT nacionalmente.

— O que atrapalhou a negociação foi a decisão da prefeita de ter um petista como vice?

— Política é aquilo que é possível. Se não é possível essa coligação, para o PMDB também não é possível deixar de lançar candidato.

— A pré-condição seria o PMDB ter o vice na chapa?

— Não tem cabimento um partido com a expressão que o PMDB tem em São Paulo fazer composição sem lançar um vice. Assim não é possível.

— Ainda assim, o PMDB fechou um acordo para participar do Governo Marta já neste mandato.

— É uma conversa antiga, mas que não prosperou porque não houve iniciativa concreta por parte da Prefeitura.

— Mas foi acertada a nomeação de alguém do PMDB para a Secretaria da Habitação?

— A conversa existe, mas não significa que, com isso, vamos nos contentar e apoiar a prefeita. Para fazer composição, tem de ser na chapa majoritária.

— É estranho o PT não ceder a vaga de vice, sabendo que o partido quer se fortalecer e se manter na Prefeitura?

— Mas o PT impediu o acordo. O PMDB até pode não ter candidato a prefeito se tiver justi-



QUÉRCIA: “Os petistas querem tudo para eles e não querem dar nada em troca para nós”

ficativa política. E a justificativa política está na chapa majoritária, não na Secretaria da Habitação. A prefeita tira o secretário quando quiser. Vice-prefeito ninguém tira.

“Para fazer composição com o PMDB na Capital tem de ser na chapa majoritária”

— Pode haver dobradinha PT-PMDB em outras cidades?

— Em São Bernardo estava indo bem uma negociação, mas o PT está recuando. Em São Carlos tinha acerto de lançarmos vice, mas também já há problemas. O PT está tendo dificuldade de compor conosco.

— Por que essa dificuldade?

— Porque os petistas querem tudo para eles e não querem dar nada em troca para nós.

— A resistência é maior na base do PT ou na cúpula?

— Não é resistência. São interesses políticos na composição, dificuldade de dar posições ao PMDB. Sem dar posições ao PMDB, como fazer um acordo?

— A aliança fechada com o governo Lula é satisfatória?

— Há muito descontentamento no partido. O governo deu os dois ministérios e não deu nada mais. Só os cargos de ministro por enquanto.

— Falta controlar cargos que

tocam a máquina?

— Claro. Ministro sem a máquina não é ministro.

— Por isso houve problemas no Ministério da Previdência?

— Como está, o ministro (Amir Lando) não toca máquina nenhuma. Nenhum dos ministros do PMDB. Acho que o Lula é sensível e vai concluir que deve fortalecer os ministros.

— Então, a negociação com o governo foi malfeita?

— O problema é que o PMDB não tem hoje uma liderança nacional que sirva como um interlocutor com o governo. E o governo acaba se aproveitando disso e nomeando por exclusão. Não houve entendimento com o partido para nomear nenhum dos dois ministros.

— O PT não usa de fisiologia para ampliar a base aliada no Congresso?

— O PT está conseguindo se preservar. É o que tem prejudicado a possibilidade de consolidar a aliança com o PMDB: eles não querem ceder áreas fundamentais da administração para os ministros do PMDB. Querem manter com o PT para não parecer fisiologia. Eles têm de dar o ministério inteiro ao ministro, ao partido. Não tem outro jeito de fazer aliança.

“Sem dar posições ao PMDB, como se pode fazer um acordo e fechar alianças?”

— O senhor considera o PMDB como integrante do governo Lula?

— Ainda não. Está precisando de um acerto melhor.

contraponto

“Conversas ainda estão no início”

► Embora o nome do petista Rui Falcão, atual secretário municipal de Governo, já seja cogitado como candidato a vice de Marta Suplicy, os petistas ainda acreditam que há condições de negociar o apoio do PMDB à reeleição da prefeita no primeiro turno. “Estamos apenas iniciando as conversas. Não estamos fechando as portas para nenhum cenário eleitoral. Por

enquanto, nada é conclusivo”, afirma o vereador João Antônio, líder do Governo na Câmara.

Segundo o vereador, o acordo com o PMDB teve início com a formalização do apoio de vereadores à administração petista. Diz ainda que as negociações ainda estão em andamento. “Estamos esperançosos de conseguir a aliança com o PMDB e também com o PL, que já fazem parte do nosso arco de aliados federais”, disse João Antônio.